

INCLUSÃO EDUCACIONAL: A percepção de professores da educação infantil acerca do Transtorno do Espectro do Autismo

Autora: Gisele da Silva; Coautor: Gilson Pinheiro da Silva; Orientadora: Ana Flávia Oliveira Coutinho.

(Florida Christian University – FCU, sga@unifuturo.edu.br)

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo geral analisar a percepção dos professores acerca da inclusão escolar das crianças com Transtorno do Espectro do Autismo – TEA na rede regular infantil de Aracaju-SE. A partir da Declaração de Salamanca, as nações participantes deste encontro começaram a criar suas legislações objetivando incluir as crianças com deficiências na escola regular. O Brasil, através da lei nº 12.764/12 contemplou a criança com TEA. Metodologicamente, optou-se por uma pesquisa qualitativa através do estudo de caso. Os resultados encontrados deram conta que a inclusão está em processo de avanço, onde apenas um quarto dos professores ainda mantém mesmo planejamento pedagógico para suas crianças autistas. Os professores atuam com base na prática adquirida em sala de aula, onde se verificou uma carência na formação dos mesmos. Outro problema é a falta de auxiliares preparados para lidar com a problemática do TEA dentro da sala de aula.

Palavras chave: Inclusão escolar. Autismo. Professor.

Introdução

O artigo trata sobre a questão da inclusão escolar, especificamente das crianças autistas na rede de educação regular e tem como base uma pesquisa que levantou a percepção dos professores da rede infantil, privada, da cidade de Aracaju.

A partir da Declaração de Salamanca, as nações participantes deste encontro começaram a criar suas legislações objetivando incluir as crianças com deficiências na escola regular. O Brasil, mesmo antes de Salamanca, através da Lei nº 7.853/89, já tratava desta questão da inclusão das crianças atípicas, mas, somente com a lei nº 12.764/12 contemplou a criança com TEA.

Sendo o TEA agora contemplado pela proteção desta lei, a mesma estabelece que o autista tem o direito de estudar em escolas regulares, tanto na educação básica quanto no ensino profissionalizante, e se preciso, podendo solicitar um acompanhamento especializado. A lei também definiu sanções aos gestores que se neguem a matricular os estudantes enquadrados nessa categoria.

Assim, a partir da exigência legal e pelo aumento acentuado de matrículas (BRASIL, 2015), faz-se necessário uma discussão sobre o tema, sobre a ótica dos professores, uma vez que, além do diagnóstico médico do espectro autista passar pela escola, é na sala de aula que de fato se concretiza a inclusão do aluno com esta dificuldade. Desta forma, a pesquisa teve como problema: Qual a percepção dos professores acerca da inclusão educacional das crianças com TEA matriculadas na escola regular infantil da rede particular de ensino de Aracaju?

As hipóteses são: que os professores apresentam conhecimento limitado sobre a questão da inclusão da criança com TEA; que os professores atuam com as mesmas metodologias de ensino para as crianças autistas e não autistas, não promovendo o exercício da efetiva inclusão em sala de aula regular, atuando apenas no campo do acolhimento.

O objetivo geral da pesquisa foi analisar a percepção dos professores acerca da inclusão educacional das crianças com TEA matriculadas na escola regular da rede particular de Aracaju-SE. Como objetivos específicos tem-se: relatar historicamente a questão da inclusão escolar no Brasil e no mundo; levantar junto aos professores a existência de metodologia educacional específica para inclusão escolar em sala de aula regular de crianças autistas, e por último, descrever os principais problemas enfrentados pelos professores para lidarem com a questão da inclusão escolar das crianças com TEA em sala de aula regular.

O presente estudo justifica-se por preencher uma lacuna entre os poucos existentes, pela importância à comunidade científica, à comunidade em geral, especificamente os pais de crianças autistas e, sobretudo, o corpo docente das escolas que terá um bom material de apoio para nortear suas ações acerca de uma efetiva inclusão das crianças com o TEA.

Partiu-se do referencial teórico de Vygotski (1991) e seu conceito central de *zona de desenvolvimento proximal*, melhor traduzido por Zoia Prestes (2013) como zona de desenvolvimento iminente. Utilizou-se também da obra de Mantoan (2015), que discorre sobre o assunto detalhando minuciosamente as questões da inclusão escolar, bem como a obra de Facion (2008) que fala com propriedade da inclusão e suas dificuldades encontradas pelos profissionais da educação.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de natureza básica com abordagem qualitativa no universo dos professores da rede de escolas infantis, privada, da cidade de Aracaju, e verificou a percepção dos professores para lidar com a inclusão das crianças autistas em sala de aula regular.

A pesquisa fez uma abordagem qualitativa, uma vez que visava a percepção dos professores sobre a questão da inclusão, assim, como nos diz Sampieri *et al.*, (2006, p.9), o enfoque qualitativo “busca entender o contexto e/ou o ponto de vista do ator social”. Em relação aos seus objetivos a pesquisa foi exploratória e descritiva. Segundo Gil (2008, p.27), “as pesquisas exploratórias constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla”. Foi também uma pesquisa descritiva, uma vez que, pretendeu-se estudar as características de um grupo específico de professores, aqueles que ensinam crianças no estudo infantil. As pesquisas descritivas, segundo o mesmo autor (p.28), “têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população”.

Quanto aos procedimentos técnicos, foi feito um estudo de caso, onde se aprofundou no problema da pesquisa procurando obter conhecimento detalhado da percepção dos professores sobre a questão da inclusão da criança autista. O estudo de caso, segundo Gil (p.57-58), “é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado (...)”.

A coleta de dados foi efetuada através de uma entrevista semi-estruturada, gravada e posteriormente transcrita para análise de conteúdo conforme Bardin (1979).

Resultados e Discussão

Sobre o sentimento que o professor teve no contato inicial com uma criança autista na sua sala de aula, evidenciou-se o sentimento de medo, susto, choque. Os autores abaixo relatam que é um problema do plano pessoal dos professores, nada tendo a ver com a inclusão e a criança autista, ora como uma dificuldade frente às suas próprias dificuldades pedagógicas, assim nos diz Goldberg (2002), Bandim (2011) e Salgado (2012). Podemos dizer que esse medo, a princípio, é inerente da falta de conhecimento sobre o fenômeno “autismo em sala de aula” e que por conta da

impossibilidade de sua atuação frente ao novo, ao diferente, os sentimentos de medo e angústia prevalecem, com isso, o desconhecimento transforma-se em frustração, mexendo assim com todo estrutural (pessoa/professor).

Em relação à inclusão dessas crianças em sala de aula regular, percebe-se claramente que a grande maioria dos professores respondeu de forma positiva se utilizando dos signos: importante, positivo, pela interação, socialização e desenvolvimento da criança.

Sobre o planejamento pedagógico, verificou-se que seis professores informaram que existe sim um planejamento diferenciado, três professores relataram que o aluno conseguiu acompanhar a turma e por isso não foi efetuado um planejamento específico. Os autores Medeiros(2015), Oliveira (2015) e Bianchi (2017) defendem uma metodologia diferenciada sobre pena de por em risco a aprendizagem e a própria inclusão escolar.

Evidenciou-se que os principais problemas para lidar com o TEA em sala de aula são: agitação, agressividade, dificuldade de interação da criança e falta de apoio institucional e da família. Já os autores colocam que dentre todas as dificuldades encontradas pelos professores, a maior delas seria a falta de qualificação docente conforme evidencia Oliveira (2015).

Sobre a questão dos serviços de apoio, evidenciou-se que ambas possuem um serviço de apoio, desde o auxiliar ao psicopedagogo, mas que nenhum dos dois apoios são suficientes, uma vez que a necessidade é um apoio mais efetivo dentro da sala de aula, ou seja, um auxiliar preparado para lidar com o TEA.

Conclusões

O presente estudo possibilitou demonstrar para o meio acadêmico e a comunidade em geral, a percepção dos professores sobre a inclusão da criança com o transtorno do espectro do autismo. Com este estudo a comunidade científica ganha mais um saber para tornar a inclusão mais palatável para o meio acadêmico, bem como os pais das crianças, e sobretudo a própria criança, o principal fim deste estudo.

Os principais resultados foram: Sobre relatar historicamente a questão da inclusão escolar, demonstrou-se autores que levantam com propriedade a bandeira da inclusão, onde evidenciou-se que não se trata de modismo e que tal temática possui suporte também nas teorias de Vygotski (1991), principalmente o constructo teórico de zona iminente (PRESTES, 2013). Outrossim, que mesmo antes da Declaração de Salamanca, o Brasil já dava passos na direção da escola inclusiva, mas que foi a partir dela que o país caminhou para uma legislação própria sobre a inclusão da criança com TEA;

Sobre a existência de metodologia educacional específica para as crianças autistas, evidenciou-se que a inclusão está em processo de avanço, onde apenas um quarto dos professores ainda mantém um mesmo planejamento pedagógico.

Sobre os problemas enfrentados pelos professores para lidarem com a questão da inclusão escolar do TEA, verificou-se que o corpo docente tem uma técnica a partir da experiência em sala de aula e diante do medo com o estranho a grande maioria procurou conhecimento sobre o TEA, mas que foi verificada uma carência na formação dos mesmos. Um problema persiste, que é a falta de apoio efetivo dentro da sala de aula com auxiliares despreparados para lidar com a problemática do TEA.

Dentre as hipóteses que a pesquisa pretendia confirmar, a primeira, o conhecimento limitado sobre a questão da inclusão da criança autista em sala regular, pode-se verificar que sim, e talvez seja esta falta de saber sobre este objeto que cria o principal obstáculo para o processo de inclusão. A segunda hipótese, que os professores atuam com as mesmas metodologias indistintamente, foi confirmada parcialmente, a grande maioria já se utiliza de metodologias adaptadas para o ensino da criança autista.

A pesquisa produziu um discurso limitado à questão da inclusão, uma vez que, trata-se de um estudo de caso, restrito a 12 (doze) professores da escola privada de Aracaju-SE., onde se pode ainda ampliar este horizonte para pesquisas em outras esferas objetivando avançar e subsidiar o processo de inclusão de forma mais efetiva.

O problema central da pesquisa, que perpassa pelo objetivo inicial foi atendido, ou seja, analisar como estes professores pesquisados vêm à questão da inclusão do TEA em sala de aula regular. Assim, evidenciou-se a falta de conhecimento sobre o objeto TEA é o que, sem dúvida nenhuma, dificulta que a inclusão deixe a condição de medo, para um acolhimento e atinja rapidamente a condição de inclusão em todas as suas nuances. É preciso, sobretudo, amor, todavia, para que a *coisa* deixe de ser *coisa* é necessário circular e nomear o objeto para que a inclusão seja efetiva.

Referências bibliográficas

- BANDIM, J.M. **A criança autista e a escola: uma abordagem prática** – Editora Bagaço – Recife, 2011.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 2009.
- BIANCHI, R.C. **A educação de alunos com transtornos do espectro autista no ensino regular: desafios e possibilidades**. – Dissertação de mestrado – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – Franca, 2017.
- BRASIL. **Dados do censo escolar indicam aumento de matrícula de alunos com deficiência** - Informação publicada em 23/03/2015 - Disponível em: www.brasil.gov.br/educacao. Acesso em: 11/04/2016.
- FACION, J.R. **Inclusão escolar e suas implicações** – Editora Ibepex – 2ª. Edição – Curitiba, 2008.
- GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social** - 6a. edição – Editora Atlas - São Paulo, 2008.
- GOLDBERG, K. **A percepção do professor acerca do seu trabalho com crianças portadoras de Autismo e Síndrome de Down: Um estudo comparativo**. UFRGS – Porto Alegre, 2002.
- MANTOAM, M.T.E. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** – Editora Moderna – São Paulo, 2003.
- MEDEIROS, M.L.G. **A percepção dos professores sobre o processo de inclusão escolar de alunos com deficiências no ensino regular da rede municipal de ensino de Porto Alegre**. Dissertação de mestrado – PUCRS - Porto Alegre, 2015.
- OLIVEIRA, I.A. **Desafios das didáticas diante das políticas de inclusão**. Critica Educativa (Sorocaba-SP), Vol.1, N.2, P.110/126, jul/dez. – Sorocaba, 2015.
- PRESTES, Z. **A Sociologia da infância e a teoria histórico-cultural: algumas considerações**. Rev. Educ. Públ. Cuiabá, v. 22, n.49/1, p. 295-304, maio/ago. 2013
- SALGADO, A.M. **Impasses e Passos na inclusão escolar de crianças autistas e psicóticas: o trabalho do professor e o olhar para o sujeito**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná – Disponível em: <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/28518/R%20-%20D%20-%20ANDRESSA%20MATTOS%20SALGADO.pdf?sequence=1>. Curitiba, 2012.
- SAMPIERI, R.H., COLLADO C.F. e LUCIO, P.B. **Metodologia de pesquisa** – 3ª. Edição – Editora McGraw-Hill, 2006.
- VYGOTSKI, L.S. **A formação social da mente**. 4ª. Edição - São Paulo-SP – Martins Fontes Editora, 1991.